



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

4 de Junho de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1754

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

EM todo o nosso trabalho, esforço e dedicação, há uma preocupação fundamental: fazer de cada Rapaz um homem. Sentimos esta como nossa obrigação, e para alcançar não medimos sofrimentos, angústias e dores, que uma causa como esta obrigatoriamente traz consigo.

Sabemos que nem sempre a alcançamos, ou muitas vezes só mais tarde se revelará o seu êxito.

Pai Américo descobriu o caminho para lá chegar, pela transformação do Rapaz a partir dos pequenos acontecimentos da vida, entre outros meios, de modo a que começasse a amar o bem e a detestar o mal.

Os acontecimentos do dia a dia oferecem matéria para pôr em confronto o mal e o bem, a beleza deste e a força destrutiva em que se constituiu aquele.

Mas nem sempre é possível mostrar claramente que uma opção que se toma na vida é má. Tantas vezes acontece alguém experimentar um caminho que já percebeu como mau e, apesar disso, persistir em repetir as mesmas pisadas.

Para quem caminha ao lado dos que se preparam para a vida, e que tem a obrigação de ajudar a esclarecer o que é bom e o que é mau, umas vezes alcança contentamento neste serviço, e noutras angústia e sofrimento. Digo dos que sentem a obrigação, porque quem preferir navegar em águas calmas e não quiser sentir a dor que redime...

As águas alterosas provocam angústia, e esta, dor que faz sofrer. Num mar calmo, sem ondas nem vento, os veleiros não avançam, ao passo que no agitado é garantido que não há estagnação. E, para quem leva o Timoneiro que domina as águas, não há risco de naufrágio.

Tudo isto vem a propósito de um dos nossos rapazes que, embora já tenha experimentado a vida fora do nosso convívio, por alguns meses, tendo sentido por estar ainda impreparado, as dificuldades para assim viver e sobreviver, persistiu apesar disso em repetir a experiência.

Só em liberdade é possível que o Rapaz se faça um homem. Mas também só com o sentido da responsabilidade, pessoal e comunitário, se determina cada um no bem. De outro modo, temos as crises que espalham dor, criadas pela irresponsabilidade de alguns; crises que constantemente afectam as sociedades.

O nosso Rapaz de que falava, depois de várias tentativas fracassadas, em chamá-lo à razão, quis reentrar no caminho de que há alguns meses saíra, para regressar a nós. A idade já é adulta, e embora o apoio no exterior seja escasso, assim decidiu.

Grande é a dignidade do ser humano comparativamente com as outras criaturas. Fomos criados na liberdade e para sermos livres, o que nos dá a oportunidade de escolhermos o caminho da vida, que não está sujeito às imperfeições do mundo. Mas grande é também a nossa responsabilidade, pois podemos seguir o caminho oposto que nos será prejudicial. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

NÃO sei o que dizer mas sinto que a injustiça é evidente. O Património tem o condão de reparar injustiças e o dever de as denunciar. Sem pretender criar conflitos, mas apenas abrir caminhos e pedir apoios.

Era uma tarde de calor e sol encoberto, adivinhando trovoadas. Duas mulheres batem-me à porta solicitando que as oiça. Saio do escritório, em cadeira de rodas, e pergunto o que querem dum homem neste estado.

— A nossa assistente não lhe telefonou? Ela disse-nos que lhe ia telefonar.

Não telefonou, nem a Casa do Gaiato é departamento oficial às ordens de alguém do Estado. O que damos é fruto do amor de Deus. Vem de pessoas que acreditam que Deus é Pai dos Pobres, sabem que nós também somos pobres e vivemos da pobreza. Aqui, ninguém ganha nada. As assistentes não se atrevem a telefonar-nos. Elas devem, sim, telefonar para cima e relatar os casos gravíssimos que encontram e não ficarem apenas na desculpa do «não posso fazer nada ou do não temos verbas».

A senhora mais forte começou a chorar e a desabafar em soluços: — Não tenho em casa nada para comer. O meu marido e eu estamos desempregados. Temos quatro filhos, o mais novo com seis meses. Hoje foram-me lá cortar a água. Pago 350 euros de renda de casa e tenho um mês atrasado. O rendimento mínimo que recebo não chega para nada. Agora, com a água cortada como posso viver com uma criança de seis meses?

Continua na página 3



Cantinho dos Rapazes

COMO estava previsto, realizou-se no passado 21 de Maio, no Coliseu do Porto, mais uma Festa do Gaiato, em que colaboraram e marcaram presença todas as Casas do Gaiato de Portugal, já que a distância, entre outros factores, não permite a intervenção das Casas do Gaiato de África, de Angola e de Moçambique.

Nem por isso a tez e a arte africana deixou de se fazer presente. Aliás, grande parte dos artistas, Rapazes nossos, são de origem africana, pequenos e grandes, num rasgo de sublime interculturalidade da grande família que somos.

A representar essas famílias das Casas de África, honrou-nos a presença do nosso Padre Telmo de Malanje.

O espectáculo decorreu com ordem e arte, e visível satisfação de todos. Este ano havia menos «espectadores», mas nem por isso menos acolhimento ou entusiasmo.

Padre Américo, constitui sempre o mote principal da Festa embora, este ano, como era expectável, os Rapazes tivessem centrado o seu empenho e arte, na evocação do nosso Padre Carlos — recentemente desaparecido do nosso convívio humano. Daí, o ambiente de emoção que percorreu o palco, durante o espectáculo. António Pedro e Rui Dimas, focaram-no com trechos musicais e poéticos. Padre Carlos foi uma evocação constante desde o princípio até ao fim. Nem podia deixar de o ser, justamente. Padre Carlos foi o pai, o educador, o «norte» de várias gerações de Rapazes criados no amor familiar das Casas do Gaiato, hoje bons cidadãos e artífices competentes de cidadania.

Os Rapazes estiveram à altura do que lhes era pedido e deram o seu melhor; outra coisa não seria de esperar. Eles estão sempre à altura do seu melhor, principalmente quando experimentam a con-

fiança e lhes é pedida responsabilidade. Estes dois pilares educativos — confiança e responsabilidade — são o segredo deste êxito. De facto, eles precisam de experimentar este aconchego quase de forma capilar, como resultado de um esforço educativo nem sempre perceptível.

Foi muito belo e gratificante destacar o esforço de todos, já que quase todos colaboraram. Contudo, a graciosidade dos «Batatinhas» de Miranda, e o desempenho artístico dos Rapazes de Setúbal, merecem especial destaque. De sublinhar também, o despertar artístico de alguns Rapazes de Paço de Sousa, nomeadamente, o Rui, o Sérgio e o Filipe, entre outros.

«Se as tuas lágrimas, Dimas, e o teu pulsar emocionado, António Pedro, se pudessem medir, aí teríamos as melhores razões desta festa...» Padre Carlos «dos Gaiatos», — como era conhecido em qualquer rua, escola ou igreja do Porto, — estará, por mais este motivo de felicidade, no Céu.

Pai Américo e Padre Carlos, não deixarão de interceder por todos e por cada um, para que se continue a cumprir o ideário tão querido de Pai Américo: «ninguém espere fazer homens de rapazes domados».

Padre João

PENSAMENTO

Pai Américo

São assim os caminhos do Senhor. O que não for por Ele revelado é para nós, mortais, desconhecido. Grande predicado este de Se esconder à maneira que Se nos revela! Bendito Deus em todas as Suas Obras. □

PAÇO DE SOUSA

COLISEU — A nossa Festa realizou-se no dia 21 de Maio, no Coliseu, como prometido. Houve muito talento, diversão e emoção. A nossa Casa participou com: marcha, peças alusivas à Vocação do Pai Américo e de como despoletou a Obra da Rua, canções populares, números cómicos, uma canção dos «Batatinhas» e uma homenagem em memória do nosso Pe. Carlos.

A Casa de Miranda apresentou: dança dos «Batatinhas», dois números cómicos, um hino e uma peça magnífica “Aqui é a Casa do Gaiato”. E a Casa de Setúbal com o seu maravilhoso talento para dançar, dançaram três músicas distintas.

As nossas Festas são realizadas com o objectivo de um reencontro anual entre nós, rapazes, e os nossos amigos. Este ano tivemos a presença de 450 amigos, o que deixou os nossos rapazes entristecidos. No próximo ano esperamos que o Coliseu esteja preenchido como sempre os nossos amigos nos habituaram.

Desde já, um agradecimento a todos os nossos rapazes, a todas as pessoas que nos ajudaram com roupas e adereços e a todos os nossos amigos.

José Reis

DESPORTO — «Os homens não se medem aos palmos», sempre ouvi dizer. E é verdade! Este fim-de-semana, recebemos os «gigantes» do S. Félix da Marinha (Juniões) da A. F. Porto. Cada um deles, dava dois dos nossos — no tamanho — mas a jogar futebol, apesar de marcarmos um só golo por intermédio de André «Garnisé», foi 50-50. Um bom jogo a demonstrar duas grandes equipas. Desta vez, não entramos a dormir, porque se isso tivesse acontecido, tínhamos levado uma destas «abadas», que ia ficar para mais tarde recordar. Mas não! Os «miúdos» da nossa equipa estiveram à altura, e registaram mais uma vitória, apesar de magra.

Mesmo assim, Erickson, com apenas dois minutos de jogo, fez o favor de fazer o mais difícil e falhar uma grande «chapelada». Ossos do ofício! Mas para não ficar isolado no capítulo dos grandes falhanços, Bruno, que teve o cuidado de apontar alguns «defeitos» aos seus colegas, também falhou, não um «chapéu», mas um «guarda-sol». Uma coisa é certa: ninguém falha por querer; mas... calma e concentração, não faz mal a ninguém. Eu sei que quando não somos nós a falhar, parece-nos sempre que fazíamos melhor. No entanto, tem que haver bom senso e espírito de equipa.

Em relação à comitiva de S. Félix da Marinha (Gaia), era gente do melhor que há! Para além de serem extremamente compreensivos, houve quem dissesse: «Só para ver o vosso guarda-redes, já valeu a pena cá vir». Palmas bateram-lhe... e ele, realmente não deixou entrar nenhum golo!

Uma semana depois, fomos visitados pelos Juniores do Clube Atlético de Rio Tinto da A. F. Porto. Um jogo impróprio para cardíacos, já que foram 90 minutos disputados taco-a-taco, debaixo de um calor abrasador. Se há jogos em que os nossos Rapazes se bateram como «leões», este, foi um deles. Todos estiveram muitíssimo bem, mas o Francisco, voltou a ser o homem do jogo. Raça de miúdo! Teria falhado uma vez? Se calhar nem isso. Mas que não abriu a boca durante todo o jogo, tenho eu a certeza. O mesmo já não se pode dizer em relação a Erickson que, se esteve cinco minutos em campo, foi o muito — graças ao seu coração perto da boca. Uma coisa é ser frontal...; outra coisa é não saber estar, aceitar e respeitar. Mesmo assim, a vitória não nos fugiu, com golos de Bruno (1) e Joaquina (1), sem que o nosso adversário tivesse mandado o nosso guardião às compras. Este foi substituído a dez minutos do fim por André «Espanhol» que, para além de ter feito uma excelente defesa, não deixa de ser um «fiteiro»! Ai! o banco... à tua espera.

No que diz respeito à comitiva do Atlético de Rio Tinto, não fugiu à regra: impecáveis! O árbitro, também esteve irrepreensível e, pertencia ao nosso adversário. Era como eu gosto: deixava jogar! E para jogar... cá estamos nós! Estou certo ou estou errado, ó Rogério?! Não há árbitro que te sirva, e como capitão... é preciso saber dar o exemplo.

Em relação às duas últimas aquisições, uma delas, como se tem vindo a dizer, tem sido um êxito: o Francisco; a outra foi uma decepção: o Octávio. Este está habituado a comprar tudo feito. Espírito de sacrifício e trabalhar, é para os outros — julga ele! Mas, até para se estar no banco do Grupo Desportivo, é preciso ter categoria, e sobretudo: ser-se humilde e gostar de ajudar o Grupo a crescer!

Alberto («Resende»)

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

COISAS SIMPLES — No comentário ao Evangelho do dia em que escrevemos esta crónica S. Francisco Xavier diz o seguinte: “Que ninguém alimente a ilusão de pensar distinguir-se nas coisas grandes, se de antemão não se distinguir nas coisas simples. Crede que há muitas espécies de fervor, ou melhor, de tentações. [...] Alguns, para não terem de renunciar à própria vontade levando a cabo o que lhes dita a obediência, almejam fazer coisas mais importantes sem reparar que, se não possuem a virtude das pequenas coisas, ainda menos possuirão a das grandes.”

Muito do trabalho do Vicentino é fazer “coisas simples”. Parece-nos, às vezes, que fazemos muito pouco e Deus lá saberá se é assim ou não.

Vem-nos isto à ideia quando ouvimos pessoas a clamar por “coisas grandes” que será preciso fazer para melhorar a situação dos pobres e do país em geral. Se cada um no sítio em que está, na sua família e à sua volta, estiver atento e fizer todos os dias “coisas simples” como as que S. Francisco Xavier recomenda, certamente haverá menos pobres e o país será melhor.

É frequente os leitores que nos escrevem “pedirem desculpa” por estarem a contribuir com muito “pouco”. Não há nada aqui para pedir desculpa, mas sim para louvar a Deus pelos que têm esta “virtude das pequenas coisas”.

Os pobres e o país em geral precisam cada vez mais de quem saiba cultivar esta virtude.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

Pelas CASAS DO GAIATO



Fotos de: Ashley Ann Barbosa

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

FESTA NO COLISEU DO PORTO — Aconteceu festa no Coliseu do Porto, a 21 de Maio, Sábado, pelas 16.00h. Na linha da melhor tradição cultural da nossa Obra, aquela tarde foi um encontro agradável das várias Casas do Gaiato e do Calvário com os nossos Amigos, à volta do palco dessa grande sala de espectáculo da cidade invicta, a que acorreram cerca de meio milhão de espectadores, durante três horas. A organização desta festa foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, sob a direcção do Sr. Padre Júlio, que empenhadamente e com persistência levou à cena vários números de teatro (Vocação de Pai Américo e A Casa do Gaiato), cómicos, de dança e a Marcha da Obra da Rua, bem interpretados pelos Rapazes da sede da nossa Obra, muitos deles envolvidos e que estão de parabéns! Entretanto, houve um belo diaporama sobre o Calvário, dirigido pelo Sr. Padre Baptista. Os Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal apresentaram várias danças.

A nossa Comunidade de Miranda do Corvo deixou essa localidade pelas 12.30h, em transporte alugado, com

farnel (depois, recebemos o de Seroa, que agradecemos), os adereços e muita vontade de darem o seu melhor. Entrámos pela rua Passos Manuel e fomos ansiosos para os camarins. Os participantes, dirigidos pelo Prof. Paulo, com a ajuda da Prof. Paula e do Prof. Alberto, tiveram várias actuações: n.º 3 — Estátua viva (cómica), com Rui, Joaquim, Evguénio, Joel, Igor, Diogo Silva, Feliciano, Aiyune, Flávio e Paulo; n.º 6 — Dança/movimento, com Arménio, Luís, Evguénio, Paulo, Joaquim, Flávio, Aiyune, Amadú, João Madeira e Fábio; n.º 10 — Dança dos Batatinhas, com Betinho, Nandinho, Malam, N'anso, Rúben Reis, Aliu, Rocha, Amadú, Victório e Divino; n.º 19 — O sargento e o soldado, com Rui e Prof. Paulo; n.º 19 — Aqui é a Casa do Gaiato (teatro), com Amadú, Joaquim, Diogo Silva, Luís, João Madeira, N'anso, Igor, Arménio, Flávio, Aiyune, Diogo Madeira, Joel, Victório, Aliu, Divino, Malam, Rocha, Betinho, Evguénio, Rúben Reis e Nandinho. Finalmente, foi cantado com muita alegria por todos os intervenientes o nosso lindo Hino. Queremos felicitar

todos os Rapazes que disseram sim desde a primeira hora e ao longo dos ensaios não falharam, para que as suas actuações tenham recebido os aplausos merecidos da assistência. O guarda roupa e acompanhamento esteve ao cuidado da Sr.ª D. Nazaré, D. Cecília, D. Graça e Leandro. A D. Odete ficou na nossa Casa com a Sr.ª D. Maria do Rosário, mais o José Fagundo. A encerrar a festa, o Sr. Padre João agradeceu a presença do público e lembrou o Sr. Padre Carlos, para que a Obra continue. Chegámos à nossa Casa cansados, mas felizes por esta grande festa, na linda cidade do Porto!

ADIAMENTO DA FESTA EM COIMBRA — A exemplo dos últimos anos, era nosso desejo realizar o nosso espectáculo anual, em Junho, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra; que, afinal, não se vai realizar. Razões várias obrigam-nos a adiar a dita festa. Deste facto, pedimos as nossas desculpas aos nossos Amigos e que passem recado, para não haver enganos. □

MOÇAMBIQUE

Moisés Alberto

A CASA DO PAI, UM LUGAR ÚNICO — A nossa Casa é um espaço escolhido e predestinado por Deus e nela se vê a obra incarnada no pensamento e no espírito do seu fundador, e no dos seus seguidores. Vista de longe se contempla um aglomerado de casas o que de certa forma, desperta um nó de curiosidade a quem a observa. Pela simples casualidade de se localizar num lugar quase que julgado não vivencial. Temos a terra firme, vegetação, espaços de cultivo para subsistência de centenas de famílias; sem falar das formações montanhosas, rochedos e arbustos que compõem a nossa serra. Proporcionando de tal forma uma tranquilidade de espírito no contacto directo com a natureza e o natural da vida humana. Ela é um presente de Deus, associada a um capricho da Natureza, por termos aqui a graça de uma casa e uma família.

Felizes estamos por esta dádiva, porque nos encontramos longe de todos

os tumultos de causas variadas, das poluições massivas produzidas pelos veículos motorizados, da vida citadina complexa e agressiva, onde se vêem inúmeros edifícios interligados. Onde as pessoas que lá habitam pouco ou mal se conhecem, ou se quer ter pouco a ver com as outras. Eis que uns vivem de forma abastada, outros morrem à fome e a maioria sem tecto.

Disseminando-se num contraste entre os queuplicam ao Deus Pai Omnipotente e aqueles que o ignoram ou estão alheios à sua Palavra. Desconhecendo por completo a génese de ser Humano e os seus princípios.

Desde os primórdios do mundo transmite-se a mensagem «Deus criou o Homem à sua imagem e semelhança». E, consequentemente, quando o seu Filho Unigénito veio ao mundo para o redimir do pecado; disse: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.» Porém estes ensinamentos perdem-se com os tempos mediante as ambições

do homem contemporâneo descrente.

Cada um de nós “Gaiatos” representa o chamamento de Deus para iniciar uma caminhada de vida, face às tribulações vividas no nosso passado recente ou no pretérito mais que perfeito das nossas experiências outrora vivenciadas, independentemente de onde esteja localizada a Casa do Gaiato. O princípio de vida educativa e luta pelo desenvolvimento de personalidade e constituição de família são alguns dos elementos que fazem parte da pedra angular, onde prevalecem os ensinamentos do seguidor das Obras de Cristo Redentor; O Nosso Fundador Pai Américo.

O nosso suporte de vida e refúgio face às distintas dificuldades do quotidiano é a oração onde entregamos tudo às mãos do Senhor. De tal forma que a nossa capela tem o lugar mais estimado. Ela é o maior presente que o nosso Pai,



MALANJE

Padre Rafael

Ditosos os que crêem sem terem visto...

NUNCA O vi com os meus olhos; nunca me encontrei com Ele. Alguns, chegam a chamar-me impostor. Pelo contrário, quero gritar ao mundo que os que O não vêem também podem crer. Esta é a minha alegria: «Quando pressinto que passas, escondo-me; quando já passaste, desfruto o rasto de Ti».

Outro dia, um dos meus rapazes perguntou: — Porque é que Deus me deu tanto sofrimento? — Fez-se um pequeno silêncio e disse:

— Segundo a Palavra, Ele quer tirar-nos o sofrimento, mas não todo, porque Ele também sofreu. E desejou que tivéssemos algum... e assim acontece até aos nossos dias.

— E a mim, como me pode aliviar o sofrimento?

— Não sei, meu filho. A mim também não mo tira, simplesmente me tem ajudado a seguir com ele e a ajudar aqueles que têm uma dor maior do que a minha.

— Então, está aqui por Deus e por nós?

— Não sei. Simplesmente é o Amor, com maiúscula, Quem me trouxe e me faz estar aqui.

Passaram-se muitos dias sem termos reunião de chefes, e os temas acumularam-se. Entre os mais importantes: a situação da Aldeia, a casa da Carianga, o desporto e os trabalhos agrícolas.

Como sempre, a reunião foi depois de jantar, e nunca dura menos de duas horas. Hernani, Paulo, Morie, Dalas, Diogo e Namix estiveram presentes; somente faltou o Manuel por estar doente. O nosso diácono Quim foi quem convocou e dirigiu a reunião.

Há umas semanas fui, com o Padre Telmo, incen-

tivados por D. Luís Maria, agora Arcebispo, à direcção do fornecimento de energia de Angola, em Malanje, tratar do fornecimento, pois temos a rede montada até à casa do transformador; só que não temos transformador nem dinheiro para fazer esse investimento.

Depois de expormos as nossas dificuldades; e como gastávamos quase 2.000,00 euros/mês em gásóleo para o nosso gerador; e que criar 130 filhos no faziam viver quase ao dia, perguntaram-nos quanto dinheiro tínhamos disponível. «Desculpem, senhores. Se fosse rico, não mendigava nem vinha pedir a vossa ajuda; simplesmente o comprava e o mandava colocar. Assim, como rico não quero ser e mendigar me dá vergonha, trabalharei com os meus filhos e continuaremos com o gerador.» Deus sabe que foi pelo grande respeito que tenho a D. Luís que respondi tão educadamente.

Terminámos o trabalho das nossas mandioqueiras, até às próximas chuvas. As aldeias estão muito contentes. São mais de 60 hectares que plantámos este ano.

Os rapazes estão a colaborar na recolha e na preparação do tambor. Agora, passámos ao cultivo das verduras do tempo seco: couves, repolhos, tomates, cebolas, pimentos... e todos estes produtos em nossa Casa, a Carianga fica para o gado.

Se há uma paixão na nossa Aldeia, é o futebol. Os últimos encontros entre o Real Madrid e o Barcelona, trazem-nos para a rua. Mas eu fico-me com o sabor da última vitória da Real Zaragoza ao Real Madrid. Não nos podemos esquecer do F. C. do Porto, que este ano vai fazer história. □

SETÚBAL

Padre Acílio

A experiência do viver dependente tem sido para mim uma graça inenarrável. Movimentar-me, deitar-me, levantar-me da cama, vestir-me, tudo me está impossibilitado. Preciso de ajuda constante. A cadeira de rodas e o andarilho, para pouco me bastam.

Quem me tem servido? Os Rapazes. Dois ou três, que isto de partilhar a intimidade é assunto sério, mas o Leitor não calcula o alento que o mimo dos Rapazes me comunica.

Logo de manhã, «Paizinho» que tem estado com baixa, por uma operação à vista, entra-me no quarto com voz sorridente e me saúda perguntando: «Como vai hoje?» Depois, insiste comigo: «Vamos a levantar». Vencer a preguiça e fazer a ginástica com movimentos semelhantes aos que as fisioterapeutas utilizavam comigo no hospital.

Liga o rádio, põe música, e começa a incitar-me: «Vamos a levantar».

Põe a mesa, ainda na cama, dois iogurtes e duas fatias de pão. Prepara os comprimidos que tenho de tomar nessa altura — ao todo sete. Não sei se ele adivinha quanto me consolam os seus gestos e os seus gritos.

À noite continua o mesmo ritual. É o levar-me da cadeira de rodas, por-me o andarilho para me suster de pé e despir. É o descalçar, ele que faz sempre uma festa com as meias elásticas, tão difíceis de suportar durante o dia. Arranca-as triunfalmente com um «*assim é que é*».

O lavar dos pés com água fria para refrescar e o ensaboá-los carinhosamente conforta-me quanto possas imaginar.

Também, por aqui, eu sinto o calor familiar dos Rapazes, nestes gestos que o estado de dependência, embora transitório, me proporciona.

O Jumbo de Setúbal voltou-se de novo para a Casa do Gaiato com uma iniciativa muito bonita.

Sabendo do nosso envolvimento com a situação dos mais pobres desta cidade e o ambiente terrível em que se encontram não quis ficar alheio nem somente em lamúrias, segundo afirmou o Director da Loja.

A presença dos Gaiatos naquele espaço comercial aviva quinzenalmente o interesse pelos os que sofrem.

Juntando os empregados que quiseram, dançaram num largo estacionamento para atrair público e apresentaram cartazes, em toda Loja, anunciando o propósito que os movia: não nos deixarmos entristecer com a crise mas colaborarmos todos para a vencer com a alegria.

O Jumbo tem estado sempre ao nosso lado, e connosco ajudando os pobres. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Pergunto-lhe se tem algum papel e ela exhibe-me a factura. Eram 120,74€. Que fazer àquela hora? Telefonei para a empresa das águas dando os indicativos e pedindo, pelo amor de Deus, que alguém nos atendesse, relatando-lhe as circunstâncias.

Prontamente a senhora me mandou para a Loja do Cidadão e, se pagasse hoje, amanhã a água seria ligada. Quanto custa a ligação? «*Quarenta euros*», respondeu. Ao todo foram 175,75€.

A gente fica a olhar! E pasma: Como é possível que se corte a água a uma família nestas circunstâncias, assim, sem mais nem menos... será legal? Está de acordo com a Constituição e com os Direitos do Homem?

Vejo para aí tantas iniciativas,

onde se gasta imenso dinheiro, em grande alarde ao combate à pobreza. Mas é só teoria e despesas desnecessárias. É o Estado e a Igreja com revistas, colóquios, semanários e outras banalidades semelhantes ao chás-canastra que Pai Américo tanto fustigou perante o espectáculo da miséria.

Pegar numa situação concreta e dar-lhe resposta adequada como seria o arranjar trabalho compatível, o exigir cumprimentos do dever, estar ao lado de cada uma das famílias pobres, isso sim, seria lutar contra a pobreza.

Passai-lhe o cheque endossado à empresa e envie-a para a senhora que lhe preparou um avio mas fiquei assustado. Tantos casos semelhantes e as coisas a piorarem! Há imensa gente a fechar-se em copas nos seus lares requintados, nas suas vivendas aprimoradas e

nos condomínios fechados. Ninguém vê, ninguém grita, ninguém se aflige com o sofrimento destes pobres que vai aumentando.

A família do «*não temos ríesse (IRS) nem fiador*», irá ter uma casa. Será um quarto andar com 90 m² e custou ao Património trinta e dois mil euros.

Pergunto a mim próprio, se é lícito empatar tanto dinheiro numa família só, quando a largueza das carências é enorme? Eu próprio não sei responder. Aquele lamento tanta vezes repetido ficou-me na alma como uma dor inextinguível!...

Quis aliviar esta dor! Terá sido um click do Espírito? Acredito que sim.

No próximo jornal falarei da casa, do seu mobiliário e, sobretudo, da alegria inenarrável que estes pobres irão gozar. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Chiquito-Zé

Mais um encontro anual que se aproxima. Este ano, tal como já havia sido anunciado no ano passado, é no próximo dia 26 de Junho, com o programa que se segue: 9h00, Recepção e pagamento de quotas; 10h00, Eucaristia; 11h30, Assembleia-Geral; 13h00, Almoço partilhado. A tarde é de convívio. 17h00, merenda partilhada e despedida.

Apelamos à participação de todos os que puderem estar no nosso encontro. Este ano optámos por fazer o almoço partilhado, evitando a sobrecarga de trabalho que, nestes dias, recai quase sempre para os mesmos. Por isso, não te esqueças de trazer almoço para ti e para os teus e que chegue para mais dois ou três desprevenidos.

Este ano temos de partilhar a partida deste mundo do nosso Padre Carlos, que, como sabem, nos deixou, fisicamente,

na madrugada da Sexta-feira Santa. Para muitos de nós lembramo-nos dele como o director da Obra da Rua, que o foi durante várias gerações de gaiatos, mas, para os mais recentes, foi padre desta Casa de Miranda, ainda que em substituição. Em todos deixou a sua marca, mais profunda nuns que noutros. Dele já outros disseram mais e melhor. Deixamos o nosso agradecimento por todo o bem que nos fez.

Cá vos esperamos! □

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Maio,
47.300 exemplares**

Padre José Maria, nos deu. Onde cada Domingo é um momento único, uma oportunidade de mudança, dando-nos testemunho vivo para as nossas vidas. Transmitindo-nos a ideia de uma família unida que somos e que comungamos o mesmo corpo e sangue de Cristo que significa; a fé, a vida e a ressurreição.

Ela é especial não só pelo seu altar tradicional feito de pedra, mas também por ter sido construída em cima da rocha o que simboliza «*“firmeza” o que nos remonta a imagem construída sobre a rocha*». Mas por ser ali onde muitas vezes tentamos entender a verdadeira Palavra e qual é o sentido da Obra e o porquê dela ter sido criada.

Esta é a prova viva de que Deus enviou o Seu Filho amado; para curar os leprosos, dar visão aos cegos, consolar os aflitos e ressuscitar os mortos de Fé. Uma infinidade de milagres para mostrar ao mundo que o amor é a vida e Ele é a ressurreição, tudo graças a esta mesma palavra. □

ADORMECER NO MUNDO!

Júlio A. B. Fernandes

(ao P. Carlos Galamba)

Repentinamente
vestiu-se escura a primavera e
tão nebulosas — como a chuva que chegou a esta Hora
para lavar o jardim e humedecer-me os olhos —
as coisas que ungem a Vida adormecida no chão daqui.

E porque eu e Ela unidos nos firmamos
sei-me testemunha dessa existência
que consuma ser a memória mais álgida que a penumbra
estendida nesta Capela
com seu embalar profundo e empreendedor
que me estremece Teu Ser.

(Se deste lado alguma lágrima transpira
— diante da sala e por ela exilada! —
é porque foi dado ao que Existe
o que não haverá de ser fronteira ao Unificado!)

Além da retina a Casa é grande
e quão forte me soa — ermo desta noite — a solidão!
O vasto agreste constrói na parede
a saudade e a despedida do que resta ser à vista...
e será amortilhado ao destroço de um passado
fechado nas pálpebras do Silêncio que me embala!

Profuso foi olhar-te Templo adormecido
e meu peito que esperava o esplendor de astros
abriu mão a um adeus singelo e nobre
com a possível mansidão do que é transeunte.

A Luz aproximando Tempo e Lugar
o aroma das flores e o embalço do fogo na luminária —
permeio do eterno que me amanhece
com a precisa formosura de quem assenta mármore.

Agora que a primavera singrou no ciclo
cada pulsar da juventude que foi — olho o Mundo
e a nebulosa em que se enrugou a memória —
o que se apagou não existe mais
aos olhos adormecidos
nem o óleo quente escorrendo pelas paredes
reflectirá a unção sagrada à Vida
nem o sangue da árvore ou o calar da ferida
dará outro sentido à *Estação* aqui prostrada
nem a lágrima que me lava
— oh, véu transparente! —
acrescentará peso à delicadeza e à saudade...

E que sombra alguma jamais separe
o Homem e o Céu! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Vaguear

NA nossa sociedade, nomeadamente europeia, a *liquidez* cultural é uma característica notória. De facto, é visível a instabilidade, transversal, nas várias idades e domínios sociais. O relativismo e o efémero são marcas a destacar neste tempo do arco da história, até nas obrigações morais.

O ideal é que a pessoa humana, sendo livre, dê sentido à sua vida. Deus não toca nela, mas poderá *forçar* a nossa liberdade, por amor, para que as escolhas que efectuamos sejam as melhores.

Isto nem sempre acontece e a adolescência, qual zona cinzenta da miséria social, é um período extraordinário, até em termos vocacionais, mas também de alguma inconsistência.

Se, em gerações anteriores, uma boa parte dos adolescentes, em proles mais numerosas, não prosseguiram os seus estudos, verifica-se que a fluidez e dispersão curricular não atingiu um caminho seguro na motivação juvenil.

Recebemos uma informação, há dias, de que um rapazito, de 12 anos, se encontrava em absentismo escolar. E de que o menor foi visto, várias vezes, *a vaguear na cidade*, com más companhias, envolvidas em furtos de bebidas, tabaco e dinheiro. Seu pai faleceu de *overdose* e a mãe é pastora; porém, limitada, não consegue obrigar a sua ovelhita tresmalhada a frequentar a Escola. Saído do remanso de um monte, próximo do Alentejo, o miúdo ficou sem suporte familiar e enredado pelas teias da desorientação, na urbe.

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESTÁ feita a separação entre o que é a Casa do Gaiato, na sua essência e dinamismo em atenção à criança abandonada e aquilo para que Deus, logo ao chegar, nos abriu os olhos e o coração ao descobrir um povo totalmente abandonado à sua sorte e à sua morte. Não podia haver demoras. E desordenadamente e paralelamente se foi atendendo a um lado e outro.

Em pouco mais que dois anos a Aldeia da Casa do Gaiato se levantou e o acessório até hoje continua a levantar-se. Só o mais necessário para a formação profissional dos rapazes, enquanto vão crescendo e estudando. Tem sido isso de tanto valor para eles, que o Ministério subsidia mesmo aquelas oficinas que podem dar cursos informais. Estamos abertos aos alunos externos ou que já foram, embora não procuremos esse apoio. Há ainda uma oficina, a meu ver muito importante, para a qual não consegui ainda ajuda na construção, embora tenha já as máquinas doadas por uma Escola de Setúbal. É a de torneiro mecânico. É inacreditável, mas as escolas técnicas não valorizam o ensino prático. Tão somente o teórico. Por isso vêm tantos estagiar no campo e são cada vez mais procurados lugares para outros estágios de fim de cursos secundários. Queremos avançar para aí quanto antes. Este povo tem uma fome incontida de saber. Não tenho dados, neste momento para dizer quantos idosos frequentam os Cursos nocturnos nas Creches. São muitos e alguns, na casa dos setenta, já chegaram à sétima classe. Não digo para esses mas para crianças, oficial-



mente, há falta de duzentas salas de aula, a uma média de sessenta crianças por sala. Será só?

Entretanto os nossos Rapazes foram crescendo, muitos já com a vida estabilizada profissionalmente e com a sua família. Com os estudantes, espalhados desde Maputo a Nampula, vão a cerca de duzentos e vinte, os que presentemente esta Casa acolhe e assegura o futuro. É claro que as despesas também são muitas e por mais esforços que empreguemos na exploração agropecuária e nas oficinas, estamos longe de satisfazer as necessidades. A nossa base alimentar, como nas Casas de África, é, sobretudo farinha de milho e arroz. Leite de vaca não, porque as poucas que tínhamos foram vendidas em hora de necessidade, a pensar em renovação mais tarde. Mas leite de soja sim, embora a produção do ano

Fizemos questão em ir ao encontro do garoto, perdido. Com uma infância perturbada e adolescência desequilibrada, vive sem regras. Foi outra das aflições, recentes, que nos chegou e perturbou. No terreno, na pobreza real, é que podemos avaliar as situações com mais segurança. Note-se que uma Família como a nossa, para os sem família, não é um presídio correctivo para menores.

No diálogo directo com o rapaz, sem rumo, atirou-nos, gingão: — *O senhor está a pensar pôr-me a trabalhar!?*... No decorrer da conversa, afinal, disse que queria ser tractorista. Se o ensino continuar generalista e desligado da nossa realidade, consideramos que, infelizmente, vão acontecendo fracassos. Mais, quando não há equilíbrio e segurança familiar, para onde deslizam os mais novos?

Era bom que, na redução do défice, não fossem penalizadas as opções fundamentais para as novas gerações. Todo o investimento na promoção da família e da estabilidade das escolas é uma sementeira para uma centúria. Se quisermos colher num ano, semeamos trigo.

Se é cada vez mais fácil, pela internet, ter acesso ao submundo da destruição, quando os jovens estão desocupados e desmotivados, avoluma-se a desorientação. Alertar os novos para as seduções enganosas, de traficantes de falsas ilusões, quais terroristas destruidores da ingenuidade juvenil, é um imperativo moral e social, até porque todos os anos há dezenas de novas drogas a circular.

O tal rapazito prometeu ir à Escola. Todavia, o seu ninho é frágil, naquele monte distante do nosso olhar. Choremos pelos nossos filhos, que vagueiam pelas ruas. Pode acontecer que isto também ajude a regar a secura actual, até das mentalidades, para que se avive a esperança pascal! □

SINAIS

Padre Telmo

PADRE Carlos, escrevo-te de Trás-os-Montes, onde tu gostavas tanto de vir. Certo que vês Daí esta primavera: mantas lilás nas encostas de urzes, e o amarelo torrado das carquejas floridas. Nas ribeiras, o encantamento de murmúrios da água saltitando pelas pedras. Uma gota pequenina das maravilhas que agora desfrutas... Foi só para te lembrar estes montes que te davam muito alegria.

Os rapazes, continuam a lembrar-te com saudade e emoção. Estaremos todos juntos, pois aqui é tudo breve e fugaz.

* * *

Esta saudade e emoção é bem um sinal vivo dos nossos laços de família. Urgente e necessário fortalecer estes laços e vivê-los no nosso dia-a-dia em comunhão com os nossos Rapazes e a nossa Família de fora, que nos ajuda e ama. Este sinal — se vivo e presente — ultrapassa o dedo apontado a todas as actualizações. Certo que precisamos fortalecê-lo e dar-lhe vida.

Quem vier que mergulhe fundo... nas funduras e nos corais é maior a beleza do mar.

* * *

A nossa Obra não é poesia, tem de pôr os pés no chão.

Há dias, veio de Angola um rapaz nosso que se formou em Economia. Passou em Paço de Sousa para estar comigo. Foi a Espanha, em serviço, quando regressou, veio despedir-se, ao abraçar-me, falou: «Adeus pai!» «Adeus filho!» Tínhamos os dois os pés no chão. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Vivemos na Esperança

A nossa carrinha acabou de sair com um grupo numeroso de pequenos. É o princípio da tarde. Como estão em férias escolares, a ocupação dos seus tempos livres, numa forma saudável, está muito viva em nossa mente e coração. Os mais velhos ocupam o seu tempo nas oficinas, onde adquirem uma mais valia na sua formação para a vida. É uma parte muito valiosa a juntar e a completar a sua formação escolar. O nosso projecto educativo passa pela educação integral que enriquece a pessoa. Por isso, parte do tempo das férias escolares é aproveitado, com mais intensidade, nesta área formativa, de acordo com as suas idades.

É um lugar comum dizer-se que o êxito ou o fracasso do serviço educativo está muito ligado ao acompanhamento dos educadores responsáveis, relativamente aos educandos. Em todas as áreas sociais, desde a família, à escola, aos lugares de trabalho, enfim, onde haja comunidades responsáveis. Há muitos filhos que se perdem, porque os pais se demitiram da sua missão prioritária de educadores, pelo acompanhamento dos seus filhos, de acordo com as idades de cada um. Há situações que são verdadeiros atentados contra os direitos humanos dos filhos. Há dias, encontrei um homem, inválido, com duas muletas, à porta do nosso refeitório, à hora da refeição. Antes de o identificar, foi-lhe dada a comida para lhe matar a fome. Que vinha fazer? Pedir dinheiro para viajar, deixando os filhos que já tinham sido abandonados pela mãe. Eram quatro, ainda muito pequenos. Para me certificar desta desgraça, acompanhei-o ao bairro onde morava com os seus filhos. Felizmente, estava a funcionar um valor cultural muito rico, a chamada família alargada. Graças a esta riqueza, os filhos estavam confiados às tias que olhavam por eles como mães. O meu coração ficou aliviado. Aquele homem, porém, não recebeu o dinheiro que veio pedir. O seu lugar era junto dos filhos. Não sei se, num horizonte muito próximo, verei estas crianças na Casa do Gaiato.

Sem dúvida, uma das chagas mais dolorosas da vida social é o abandono dos filhos por parte dos pais. É muito chocante a indiferença, pelo menos aparente, das forças vivas da sociedade, perante este fenómeno. Penso que é necessário, a nível das comunidades, mais pequenas ou maiores, uma acção interventiva mais visível, para que este mal muito grave não se torne um lugar comum, inofensivo e aceite como normal. O pai e a mãe devem assumir, até ao limite das suas forças, com o dom das suas próprias vidas, os filhos que geraram e são parte insubstituível das suas existências. Vamos continuar a abrir o coração da nossa Casa do Gaiato aos filhos que não têm o coração familiar que os receba. Continuam a bater-nos à porta, em grande número. Quem nos dera poder recebê-los todos! Porém, o lugar de direito prioritário deles é a família que os gerou e abandonou. A mãe inválida, abandonada pelo marido, na impossibilidade de criar os seus três filhos, bateu à nossa porta e foi acolhida. As crianças estão connosco. Entraram na vida normal da escola e numa família muito grande. Há dias, vi a mãe feliz a beijar os seus filhos em nossa Casa. Foi-se e eles ficaram também felizes. Deste modo, pensamos ter homens equilibrados, no futuro. De contrário, seriam pesos mortos na sociedade.

Continuamos, porém, aflitos, com alguns problemas graves por resolver, com falta dos meios necessários. Não sabemos quando chegarão. Falta-nos um tractor agrícola. As residências dos rapazes necessitam com urgência de trabalhos de recuperação. Quem dera não nos faltem os corações nas mãos estendidas bem agarradas às nossas mãos! Vivemos na esperança! □